

Tempo livre, lazer e ócio: dimensões da indústria cultural em Adorno e Horkheimer

Introdução

O objetivo desse projeto é investigar as noções de tempo livre, lazer e ócio a partir das reflexões sobre indústria cultural realizadas por Adorno e Horkheimer na obra *Dialética do esclarecimento* (1947) e também no texto “Tempo Livre” (1969) que foi, originalmente, produzido por Adorno para uma emissão radiofônica.

De início é preciso destacar que o termo “indústria cultural” foi apresentado por Adorno e Horkheimer no livro *Dialética do esclarecimento* (1947) tendo como um de seus objetivos, caracterizar as dinâmicas de dominação que se tornavam predominantes no mundo pós-guerras. Nesse sentido, eles ressaltam que “O segmento sobre a “indústria cultural” [que consta no livro], mostra a regressão do esclarecimento à ideologia, que encontra no cinema e no rádio sua expressão mais influente” (ADORNO E HORKHEIMER, 1991, Prefácio). Assim, apontam os autores:

A indústria cultural não cessa de lograr seus consumidores quanto àquilo que está continuamente a lhes prometer. A promissória sobre o prazer, emitida pelo enredo e pela encenação, é prorrogada indefinidamente: maldosamente, a promessa a que afinal se reduz o espetáculo significa que jamais chegaremos à coisa mesma, que o convidado deve se contentar com a leitura do cardápio. Ao desejo, excitado por nomes e imagens cheios de brilho, o que enfim se serve é o simples encômio do cotidiano cinzento ao qual ele queria escapar (ADORNO E HORKHEIMER, 1991, 114).

Conforme mostra o trecho acima, a indústria cultural produz, segundo os autores, promessas de satisfação que são sistematicamente adiadas. Um dos resultados produzido por esse adiamento constante e sistemático é a manutenção de um “cotidiano cinzento” do qual as pessoas procuram se afastar quando buscam os produtos oferecidos pela indústria cultural. Contudo, conforme vimos, o que ela produz é apenas uma “regressão do esclarecimento à ideologia”. Uma das formas de compreender essa regressão é notar que a indústria cultural enreda-se em contradições entre aquilo que promete e aquilo que é capaz de entregar. Assim, afirmam os autores, ela “não sublima, mas reprime” os desejos de satisfação individuais (ADORNO E HORKHEIMER, 1991, 114). É nesse sentido que o lazer aparece como mais um momento de submissão aos imperativos da indústria cultural, na medida em que ele não representa um distanciamento das dinâmicas de dominação que ela reproduz. Adorno e Horkheimer mergulham fundo nas contradições inerentes ao processo de dominação incentivado pela indústria cultural e chegam mesmo a afirmar que:

[...] a mecanização atingiu um tal poderio sobre a pessoa em seu *lazer* e sobre a sua felicidade, ela determina tão profundamente a fabricação das mercadorias destinadas à diversão, que esta pessoa não pode mais perceber outra coisa senão as cópias que reproduzem o próprio processo de trabalho. [...] Eis aí a doença incurável de toda diversão. O prazer acaba por se congelar no aborrecimento (ADORNO E HORKHEIMER, 1991, p. 112. Grifo nosso).

Aqui vale notar que, o lazer, guiado pela mecanização, se aproxima muito de um processo longo e repetitivo de consumo de mercadorias que são “cópias” umas das outras e que, quase sempre, neutraliza o prazer. Mais do que isso, as promessas de felicidade que poderiam

caminhar lado a lado com o lazer, são imediatamente vivenciadas como “doença incurável” que troca o prazer pelo aborrecimento.

Se o lazer torna-se aborrecimento, na *Dialética do Esclarecimento* os autores consideram o ócio como um espaço onde é possível escapar da dominação quando afirmam que “Ao processo de trabalho na fábrica e no escritório só se pode *escapar adaptando-se* a ele durante o *ócio*” (ADORNO E HORKHEIMER, 1991, p. 112. Grifo nosso). Aqui é possível enxergar, mais uma vez, como Adorno e Horkheimer explicitam as contradições inerentes ao capitalismo pensado pela ótica da indústria cultural, ao mostrarem que só é possível escapar ao penoso processo de trabalho durante o ócio. Contudo, e aqui está um dos cerne da contradição que os autores pretendem mostrar, só se escapa do trabalho árduo adaptando-se a ele. O momento do ócio é o instante em que essa contradição se explicita.

Uma reflexão semelhante é produzida por Adorno em uma conferência publicada em 1969 em que ele discorre sobre o tempo livre. Já no início do texto, apresentado em um programa de rádio, o filósofo afirma sobre o ócio que “este era um privilégio de uma vida folgada e, portanto, algo qualitativamente distinto e muito mais grato, mesmo desde o ponto de vista do conteúdo” (ADORNO, 1995, p. 70). Nesse sentido, vale destacar que existe uma compreensão de que os novos princípios e valores surgidos a partir da Reforma Protestante, destacados por Max Weber, já apontavam para consideração de que a racionalização e glorificação do trabalho tendiam à desqualificar o “ócio, o prazer de viver, a contemplação, o gozo e até mesmo a perda de tempo, concebidos como manifestações de uma forma de vida impura” (WEBER, 2004, p. 143 ss). Adorno parece, nesse particular, seguir o espírito presente nessa passagem de Weber na medida em que entende que o ócio “era um privilégio” que estava ligado a um tipo de “vida folgada” que, nas sociedades capitalistas em que a indústria cultural é um elemento estruturante, já não pode mais ser reproduzido.

Se o ócio foi um “privilégio” do passado, a ideia de tempo livre é trazida por Adorno a partir de uma reflexão que afirma que ele “dependerá da situação geral da sociedade” (ADORNO, 1995, p. 70). Esse é um dos motivos pelos quais ele destaca, logo em seguida, que o aumento dos aparatos tecnológicos e o evidente desenvolvimento técnico incidiu de modo muito particular no tempo livre. Isso significa, em outras palavras, que é preciso, segundo Adorno, alimentar uma “imperiosa suspeita de que o tempo livre tende em direção contrária à de seu próprio conceito, tornando-se paródia deste” (ADORNO, 1995, p. 71). Dito ainda de outro modo, é possível notar, com Adorno, que o desenvolvimento técnico e tecnológico não tem realizado o potencial inscrito nele mesmo, isto é, trocar o trabalho vivo (pessoas) pelo trabalho morto (máquinas), nos termos de Marx, com intuito de ampliar o gozo do tempo livre por parte dos trabalhadores. Segundo Adorno, o que tem ocorrido é uma “paródia” desse potencial, de tal modo que o tempo livre tem se realizado, conforme vimos, “na direção contrária à de seu próprio conceito”. Nesse sentido, Adorno faz a seguinte reflexão acerca do tempo livre:

Quando me toca essa questão, fico apavorado: Eu não tenho qualquer ‘hobby’. Não que eu seja uma besta de trabalho que não sabe fazer consigo mesma nada além de esforçar-se e fazer aquilo que deve fazer. Mas aquilo com o que me ocupo fora da minha profissão oficial é, para mim, sem exceção, tão sério que me sentiria chocado com a idéia de que se tratasse de ‘hobbies’, portanto ocupações nas quais me jogaria absurdamente só para matar o tempo, se minha experiência contra todo tipo de manifestações de barbárie — que se tornaram como que coisas naturais — não me tivesse endurecido. Compor música, escutar música, ler concentradamente, são momentos integrais da minha existência, a palavra ‘hobby’ seria escárnio em relação a elas. *Inversamente, meu trabalho, a produção filosófica e sociológica e o ensino na*

universidade, têm-me sido tão gratos até o momento que não conseguiria considerá-los como opostos ao tempo livre, como a habitualmente cortante divisão requer das pessoas. Sem dúvida, estou consciente de que estou falando como privilegiado, com a cota de casualidade e de culpa que isto comporta; como alguém que teve a rara chance de escolher e organizar seu trabalho essencialmente segundo as próprias intenções. Esse aspecto conta, não em último lugar, para o fato de que aquilo que faço fora do horário de trabalho não se encontre em estrita oposição em relação a este. Caso um dia o tempo livre se transformasse efetivamente naquela situação em que aquilo que antes fora privilégio agora se tornasse benefício de todos — e algo disso alcançou a sociedade burguesa, em comparação com a feudal —, eu imaginaria este tempo livre segundo o modelo que observei em mim mesmo [...] (ADORNO, 1995, p. 71. Grifos nossos).

Assim, é possível notar que o tempo livre, nas sociedades capitalistas em que a indústria cultural é um dos modos predominantes de exercício da dominação, constitui-se em privilégio de uns poucos que conseguem, como Adorno, “escolher e organizar seu trabalho essencialmente segundo as próprias intenções”. Tem-se, portanto, a partir das reflexões presentes na *Dialética do Esclarecimento*, uma compreensão sobre o lazer como momento de congelamento do prazer em aborrecimento; do mesmo modo, mais de vinte anos depois, Adorno afirma que o tempo livre contraria seu próprio conceito. Frente a esse cenário, o ócio, que segundo Adorno “era um privilégio de uma vida folgada” que pode ser visto como algo “qualitativamente distinto” do tempo livre, aparece como espaço potencialmente crítico do modelo de dominação próprio da indústria cultural. Contudo, esse ócio foi algo experienciado sempre por poucos “privilegiados” em uma sociedade que não existe mais e que Adorno não pretende que volte.

Assim, conforme anunciado no início do projeto, o objetivo aqui é investigar as noções de tempo livre, lazer e ócio a partir das reflexões sobre indústria cultural realizadas por Adorno e Horkheimer na obra *Dialética do esclarecimento* (1947) e também no texto “Tempo Livre” (1969) que foi, originalmente, produzido por Adorno para emissão radiofônica.

Objetivo geral

Investigar as noções de tempo livre, lazer e ócio a partir das reflexões sobre indústria cultural realizadas por Adorno e Horkheimer na obra *Dialética do esclarecimento* (1947) e também no texto “Tempo Livre” (1969) que foi, originalmente, produzido por Adorno para emissão radiofônica. Os textos que constam nas referências bibliográficas também serão fundamentais para o desenvolvimento do objetivo geral, bem como outros que poderão ser acrescentados durante a pesquisa.

Objetivos específicos

1. Reconstruir os principais aspectos do conceito de indústria cultural tal como apresentado em *Dialética do esclarecimento*, com especial atenção às passagens textuais que ajudam a compreender as noções de “tempo livre”, “lazer” e “ócio”
 - 1.1. Analisar o livro de Rodrigo Duarte *Indústria cultural: uma introdução* com intuito de melhor compreender os contornos da indústria cultural nos textos de Adorno e Horkheimer.

- 1.2. Relatório parcial
2. Investigar a diferença entre os termos “tempo livre”, “lazer” e “ócio” no texto “Tempo Livre” (1969).
 - 2.1. Examinar os termos tendo os seguinte artigos como apoio: MUSSE, Ricardo. “Administração do tempo livre” e AQUINO, Cássio Adriano Braz; DE OLIVEIRA MARTINS, José Clerton. “Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho”
 - 2.2. Relatório final

Metodologia

A metodologia adotada para este projeto de pesquisa é a de análise de textos, o que também serviu de base para a construção desse projeto. A principal obra a ser analisada é *Dialética do esclarecimento* (1985) de Adorno e Horkheimer e “Tempo Livre” (1969) de Theodor Adorno.

Cronograma de execução

ATIVIDADES	Primeiro trimestre	Segundo trimestre	Terceiro trimestre	Quarto trimestre
Realizar os objetivos parciais: 1; 1.1 e 1.2	X	X		
Relatório parcial		X		
Realizar os objetivos parciais: 2; 2.1 e 2.2			X	X
Relatório Final				X
Reuniões de orientação	X	X	X	X

Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Brasil, Zahar, 1985.

_____. “A indústria cultural”. In: *Comunicação e Indústria Cultural*. COHN, Gabriel (Org). Trad. Amélia Cohn. Link: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7532757/mod_resource/content/1/Aula_11b_Cohn_Adorno_A_industria_cultural.pdf (última consulta 25/05/2023)

_____. “Tempo livre”. In: *Palavras e sinais*. Trad. Maria Helena Ruschel, supervisão de Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes. 1995.

AQUINO, Cássio Adriano Braz; DE OLIVEIRA MARTINS, José Clerton. “Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho”. *Revista Subjetividades*, v. 7, n. 2, p. 479-500, 2007.

COHN, Gabriel. A atualidade do conceito de indústria cultural. In: MOREIRA, Adalberto da Silva (Org.). *Sociedade global: cultura e religião*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

COSTA, Jean Henrique. “A atualidade da discussão sobre a indústria cultural em Theodor W. Adorno”. *Trans/Form/Ação*, v. 36, p. 135-154, 2013.

DELLA TORRE, B. “Adorno e o novo milênio: notas sobre a indústria cultural e o capitalismo de plataforma”. In: *Anais do Colóquio internacional Marx e o Marxismo: Marxismo sem tabus – enfrentando opressões*. Niterói, v.1, 2019.

DUARTE, Rodrigo. *Indústria cultural: uma introdução*. N.p., Editora FGV, 2010.

_____. *Adorno/Horkheimer: & A dialética do esclarecimento*. Brasil, Zahar, 2002.

MUSSE, Ricardo. “Administração do tempo livre”. São Paulo: *Revista Lua Nova*, 99, p. 107-134, 2016.

NOBRE, Marcos. *A Teoria Crítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

ROCHA, André Campos. “A crítica do tempo livre em Adorno”. *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, v.5, Campinas, p. 641-678. 2021.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.